



Gaíato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO XIX — N.º 475 — Preço 1\$00
26 DE MAIO DE 1962

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO * PÁCO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA * DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PÁCO DE SOUSA * AVENÇA * QUINZENÁRIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO



ÁFRICA

A novidade de hoje é o novo pavilhão para paráliticos. Mais três dezenas de camas anseiam por quem nas ocupe. Que bem a gente poder dizer a uma pobre enferma, estendida no chão, ou sepultada numa ilha, entre trastes: — venha comigo, que tenho cama em estreia para lhe dar. Que bem! Mas não sei quando poderei fazê-lo. É que faltam braços sãos. O Calvário não é, nem pode ser armazém de doentes. A orgânica está para girar com doentes ao serviço de doentes. Supõe, porém, que há braços de reserva, que deitam a mão, quando aqueles mais precisam. Não falamos de médicos que se dêem, nem de enfermeiros ou enfermeiras que larguem as redes do ofício e venham; esperamos, sim, vidas úteis com alma grande. E há tantas vidas inútilmente vividas! A quantas não há-de o Senhor ralhar: «Estava enfermo e tu...» Tu... perdeste os dias a olhar montras, a saborear acepipes, a encher as horas de conversas ocas, e talvez a ocupar modistas sem conta por tua conta.

Que pena eu tenho de ver aquelas camas sem ocupantes! Mas tu não te decides. Quão desgostosos ficariam os Pobres se eu lhes dissesse onde tu passas o tempo. Não digo. Digo sim que vens a caminho, sem alforge, sem malas, nem família.

A novidade de sempre, nesta coluna, em constante variedade

Dois anos estão prestes a cumprir-se sobre a nossa primeira viagem. São vivas, como então, as imagens e as emoções experimentadas. Eu diria mesmo: mais vivas, — na medida em que o tempo ajudou a consciencializá-las e a expurgá-las dos rebentos de sensibilidade, para que os ramos de inteligência se desenvolvessem e se dispusessem à frutificação. Dois anos cheios de acontecimentos que estremeceram o coração de todos os portugueses — sem dúvida; mas que duvido muito tenham rasgado sulcos suficientemente profundos, para que a purificação das ideias e das decisões se tivesse operado em substancial reforma de mentalidades.

Regressámos, em 60, cheios — como mágoa própria — da

queixa magoada do olvido inconsciente a que os portugueses de cá votavam as Províncias de lá. A insuficiência (para não dizer ausência) de informações e notícias que fossem permitindo construir o conhecimento dos problemas ultramarinos e gerassem interesse por eles — era uma das razões apresentadas.

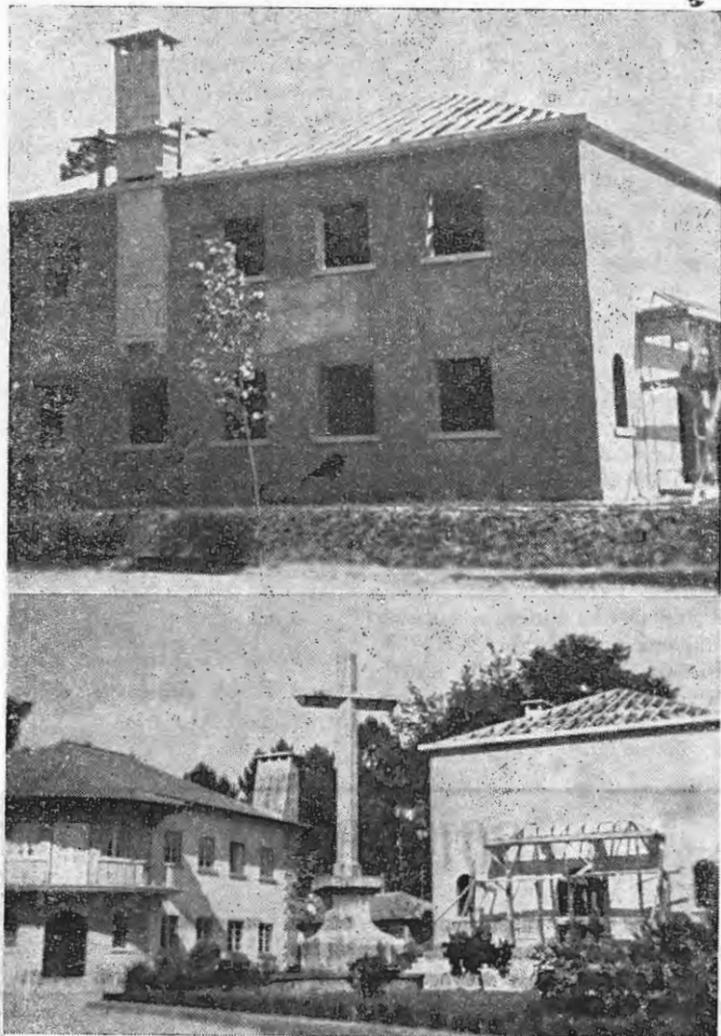
Foi preciso que o sangue corresse, para que a generalidade do Povo se debruçasse sobre Angola e Moçambique e o resto do Ultramar — e ainda assim, mais atento ao anedótico dos sucessos do que às causas deles, aonde se deve procurar o remédio verdadeiro e eficaz que os estanque e evite repetições.

As paredes cobriram-se de cartazes e as montras foram ornamentadas com dísticos de patriotismo. Até as lapelas dos casacos, nos lugares onde poisavam antes emblemas desportivos!... Houve um surto editorial sobre temas angolanos. E a vida continuou, normal em demasia, para que conservássemos na inteligência a noção exacta da gravidade destes nossos tempos, a dispor-nos ao sacrifício, aos, necessariamente demorados sacrifícios, à grande penitência, de onde, só, pode vir a salvação.

Vivemos uma hora de arranque. Quando se lança uma empresa e nela se investem disponibilidades procuradas tanto no fundo de nós mesmos, que nem nós mesmos as suspeitávamos tamanhas — é uma grande aventura que começa, mas uma aventura marcada de certeza pela verdade da entrega total dos que a empreendem. Foi assim sempre, nomeadamente no século heróico e universal da nossa História — e sempre assim será. Só colhe quem semeia. Só «colhe em exultação quem semeia em lágrimas».

Esta é a hora de África. Temos de dar tudo por tudo. Temos de nos dar todos por ela, até para a salvar a ela, que não há redentores entre os que se apresentam mascarados de tal.

continua na terceira página



é o rol de presenças amigas.

À frente «uma pobrinha com 50\$». Do Porto «pequena quantia de mil escudos». Tudo é relativo no mundo, pois outro amigo do Porto também manda «pequena quantia de 50\$». Só o amor é que faz as coisas grandes! Quanto se enganam os homens ao julgarem-se grandes pelo montante de créditos que possuem no Banco. Nós somos tocados por Deus e agimos por virtude da Graça que Ele incute ao nosso fraco ser. É um rapaz quem o confirma: «Junto 300\$ que estavam reservados para um mau fim». Senhora de Alcaide vibra igualmente nestas linhas: «Vão mil escudos para o Calvário. O dinheiro estava destinado para comprar um tapete, que muito tenho desejado; mas terei eu o direito de adquirir só por gosto um tapete que vai ser pisado, quando irmãs minhas dormem no chão?» Mais entusiasmado nestes 450\$, «dados por mim e por minha mulher e com grande prazer por saber que com eles vão ser mais agasalhados os vossos doentes». Mais 500\$ de Lisboa «para minorar a situação dos que sofrem». Adílio da Capital envia 100\$. Modista do Porto, 30\$. Viúva de Aveiro, as últimas roupas

continua na segunda página

Retrato de um coração sacerdotal

Continuamos a precisar de muita oração.

Estamos no lastro da obra e este tem de ficar seguro. Mais oração, muita oração.

A casa subirá depois a seu tempo. A Fé é alavanca forte.

Tínhamos dito que não precisávamos de dinheiro e eis que apareceu o primeiro: um pedreiro paga uma semana a outro pedreiro. Aqui fica o escalão: uma semana de mão de obra.

Mas, por enquanto o dinheiro não é preciso. A seu tempo se falará nele.

Agora, oração.

(De um jornal paroquial)



CALVÁRIO

continuação da primeira página do marido. Anônima de Espinho, 100\$. Outra com metade. Amiga, de Aveiro vem com 1.740\$ para suavisar o sofrimento dos Pobres do Calvário. Outra amiga de Nelas com 80\$. Alberto do Porto com 400\$. Amigo da C. G. D. de Braga com a migalha mensal muito discreta. Emília com sufrágio. Viúva de Africa é muito certa com seus carinhos. Maria Amélia também. Filomena com 50\$. Mãe de Oeiras pede «que Deus faça do meu filho um fervoroso e sincero católico». E Deus gosta tanto das mães que o são. Doadora de sangue, da Foz, não falta todos os meses. Dá do que tem e pede do que os doentes podem ofertar-lhe — a oração. O cristianismo é Comunhão dos Santos. Avó das Caldas da Rainha vem com 500\$ «sem nome dos meus três netos».

A «doente para doentes» também é mensal com a migalhinha. Senhora de Tortozela com 32\$50. Assinante de Bortozela vem com 25\$ e mais 20\$ «da minha criada que é uma pequena doente, e ganha o dinheiro com sacrifício, mas quer repartir com os mais necessitados». «Uma quase analfabeta, mas que dá graças a Deus pelo pouco que sabe, suficiente para devorar o vosso jornal, manda 25\$». Alda vem com o dobro. Raquel de Coimbra com outro tanto. Alguém com outro tanto. Três senhores da capital com 70\$. Mais alguém com 100\$, pede a Deus saúde para poder trabalhar. Velha amiga deseja suavisar as dores no Calvário. Anônima de Portalegre está aqui com 100\$. Vendedeira de hortaliça com 38\$. Maria Agostinha com 100\$. Raúl do Porto com outro tanto, muitas vezes. Vários outros donativos entregues no Montepio de Lisboa. Esteve ali um pecador com 2.375\$ em ocasiões diversas; Maria Manuela com 6.000\$; Portuense com 120\$; Três amigas com 500\$; vários com 50\$; anônimo com o dobro; assinante com outro tanto; 20\$ em sufrágio; mais a nona prestação da casa «Meu Zeca» — 500\$.

Anônima da Rua das Papiolas, do Porto, vem com 50\$ mensais. Não tem faltado, creio. Júlia de Lisboa com outro tanto, repetidas vezes. Maria Helena com 900\$. Amiga, de Palhaças, com 250\$. Anônima de Macieira de Cambra com 100\$00. Criada de

servir com esta carta singela, mas transbordante: «Sempre que leio o jornal dos meus patrões, fico com pena de não poder dar também para a Obra. Sou pobre e tenho de manter a minha mãe. Resolvi, há um ano, pôr de banda 5\$ por mês e agora posso mandar 60\$. Uma Maria». Que Maria!

Vai aqui um lucro de uma pequena transacção comercial — 160\$. Quantas transacções não se fazem, mas quão poucos lucram com elas. Assinante vem com mil escudos. Esposa pede «pelo regresso do marido, afastado dos seus deveres». Anônima com 100\$. Capitão do Porto com 250\$. Maria do Resgate com 500\$, pedindo a saúde do filho. Assinante 11.642 com 100\$. Outro com 150\$. Funcionário público com 100\$. Médico com metade. Beatriz com o dobro. Júlia com 20\$. Assinantes vários com 1.060\$.

As capas do Coliseu recolheram este ano 14.280\$ e o mesmo entusiasmo dos outros anos.

As cidades rivalizam. Lisboa vem com 80\$, com 100\$, admiradora com outro tanto, e metade, com 100\$ de Algés e roupas. Porto está aqui com 50\$ para os cancerosos, mais o dobro, mais metade de promessa, mais

20\$ e no Espelho da Moda roupas, mais 20\$, mais 100\$ e mais 2.000\$ de uma anônima. Lourenço Marques vem com 100\$ e com 300\$. Quelimane com 100\$. Melgaço com 500\$. Matosinhos com 80\$. Ovar com 30\$. Lamego com 20\$. Elvas com 100\$. Alegrete com migalha. Nampula com 250\$. Paranhos da Beira com 50\$. Cantanhede com um óbulo. Leça do Balio com 1.000\$ e Vi-seu com 50\$.

Vão ainda aqui mais migalhas caladas. Esta é de 100\$ para a «doente que ninguém quer, por dar trabalho». Outro tanto de Ponte do Gôve. Do Ultramar mais 200\$. Mais 500\$ de alguém que «pede as melhoras de duas irmãs». E igual quantia, do Alandroal, pelas melhoras de uma irmã. Alguém vem cumprir a promessa que fez este ano. Zé Ninguém traz migalhas.

Mais 500\$ para o Calvário. Estão aqui mil escudos para a casa «Perdoai-lhes, Senhor!» E finalmente mais outros mil escudos tão silenciosos, tão discretos, só com o dístico — para o Calvário, e tão frequentes que bem dizem da grandeza da alma de quem os envia.

Padre Baptista

QUEIMA DAS FITAS

Como nos mais anos a tradição manteve-se. Foi no dia 3 de Maio.

Saímos de casa bem cedo para não perdermos o comboio. Ficou-nos de emenda! Ainda não tínhamos percorrido metade do caminho já parte deles se encontrava na estação prontos para entrar no comboio se o horário deste não fosse dali a meia hora. Tinha começado aqui o nosso calvário.

A viagem decorreu mais sossegada do que imaginávamos após este primeiro índice do que nosso dia. Chegamos a S. Bento, redobrou a alegria. Estávamos no Porto, era preciso redobrar a atenção não fosse algum perder-se. Da estação à Praça foi um pulo que teria sido fácil e sem incidentes se metade deles não tivessem ficado a admirar uma locomotiva em miniatura que se encontra na estação.

No Imperial, onde decorreu o nosso primeiro almoço, fomos recebidos com aquela mesma simpatia que já data de há muitos anos. A Ceres também não quis faltar com o tradicional pão, que, fresquinho como estava, foi a delícia dos nossos rapazes. A todos muito obrigado e esperamos que a tradição não se quebre para que os vindouros, como nós, possam admirar o café do «Imperial» e o saboroso pão da Ceres.

E lá tomámos rumo à Universidade, não sem primeiro recomendar prudência; mas todas as recomendações foram em vão pois dali a momentos estavam

todos numa correria louca sem olhar a sinais de trânsito! Resultado: eu a correr atrás deles e a policia atrás de mim. Por fim lá chegámos ao nosso destino, não sem termos feito parar várias vezes o trânsito.

Tudo igual aos demais anos. Tudo como Pai Américo gostava. Eles a fugir, nós atrás deles, a policia não faltou, o trânsito parado!

A amabilidade com que nos receberam na Universidade foi para nós uma prova de que ali nada tinha mudado. Não queremos deixar de agradecer a todos os estudantes, principalmente a um estudante de engenharia, os esforços desmedidos para colocar todos os rapazes.

O dia correu maravilhoso, nenhum deles se poupou a esforços.

O Espelho da Moda com a mesma simpatia de sempre recebeu contos dos nossos rapazes. Passou de 23 contos.

O regresso foi sossegado. E eram muitos os brinquedos que os estudantes lhes haviam dado. Por isso, era preciso atenção não se perdesse o que, para eles, naquele momento, era tudo.

Aos estudantes, à Ceres, ao Imperial, e ao Espelho da Moda, aqui deixamos os nossos agradecimentos e esperamos confiadamente no seu apoio para o ano de 1963.

Miguel Nadais

Notícias soltas poderia, desta vez, ser o subtítulo do que se quer.

No entanto a primeira, já um pouco retardada, vai a jeito de introdução à segunda.

Pelo Natal, na festa da Sagrada Família fomos visitar os reclusos da Cadeia Civil, mesmo aqui a dois passos da nossa Casa.

As belenitas tinham vasto repertório de canções, com que pretendiam levar-lhes um pouco de alegria.

O pior foi que bastou verem girar nos gonços a pesada porta de ferro, atravessarem o pequeno vestíbulo de pedra, muito árido, e entrarem numa grande sala, negra e fria, para se lhes ver fugir o entusiasmo e calor com que saíram de casa. A transição brusca da sua casinha pobre, mas alegre e acolhedora, para o ambiente triste e duro da Cadeia, feriu-lhes a sensibilidade e fê-las adivinhar muito mais do que o que viram. As crianças são assim!

O Padre Missionário andava cercado de muitos rapazes que o vinham seguindo, desde o Bairro Municipal. Ao chegarem à Cadeia ele fez-lhes sinal que esperassem fora. Quando a porta se abriu, ouviu-se a voz forte do Senhor Lopes: «Afastem-se e deixem passar as meninas».

Foi uma alegria para estas, que entraram confiantes, à espera de encontrarem as caras amigas e risonhas que deixaram pelo Natal. Mas qual o quê? Os presos já não eram os mesmos, e graças a Deus! Houve a distribuição dos folares e depois elas cantaram umas canções, mesmo fora do programa. Mas fez-nos pena vê-los a segurar os folares na mão, enquanto ouviam cantar. De modo que, para o ano, se Deus quiser, não será assim. Iremos lá, antecipadamente, pôr a mesa do folar, cá à moda da Beira, com toalha branquinha e flores, a da-



Foi com modos acanhados que eles vieram até nós. Mas umas palavrinhas sobre o fim da nossa visita logo os puseram à vontade.

Depois as belenitas começaram a desfiar as suas canções. Saíram em tom um tanto triste, retratando bem o estado da sua alma, mas creio que só eu dei por isso, que eles, coitados, ainda mais tristes estavam. O facto é que não faltaram palmas entusiastas e a boa disposição foi crescendo, redundando a visita em alegre convívio.

No final elas distribuíram por todos dos mimos da sua consoada. Viu-se que ficaram comovidos e agradecidos.

Então o Encarregado da Cadeia, em palavras muito sentidas, agradeceu, em nome dos presos, a nossa visita. Que os seus homens tinham passado um Natal muito triste, que ninguém se tinha lembrado deles, talvez porque as atenções se voltaram todas para a tragédia de Goa... que a nossa visita fora o único conforto moral que eles tiveram, durante toda a quadra natalícia.

Isto fez com que nós, ainda a caminho de casa, tomássemos a resolução de voltar lá pela Páscoa.

x x x

E assim foi. Preparámos antecipadamente os tabuleiros com os folares que lhes eram destinados. Depois esperámos a Visita Pascal à nossa casa, que este ano foi feita por um Missionário Comboniano, em representação do nosso Pároco. À saída incorporámo-nos no cortejo e as belenitas iam cantando: Cristãos alegria, ressurgiu Jesus! Salvou-nos morrendo por nós na Cruz.

Jesus! Jesus! Saudemos Jesus! rem uma nota alegre naquele ambiente triste.

Ficam, pois, desde já, os nossos amigos a saber que os mimos da consoada e folares, que nos mandarem, não serão só para nós mas também para os nossos vizinhos presos. Elas também precisam de aprender a repartir pelos outros. E olhem que nesta Páscoa aconteceu cá em casa algo que nos fez lembrar o milagre da multiplicação dos pães, pois tivemos folares durante toda a semana da Páscoa!

x x x

Aproveitamos a ocasião para agradecer a todos os que se lembraram de nós. Às Famílias de Viseu que mandaram pão, bolos e amendoas. Às pessoas de fora que mandaram dinheiro «para as amendoas», como sempre dizem. Não podemos esquecer a Senhora Professora e alunas da Escola Feminina de Lamas que, como nos anos anteriores, trouxeram a fartura a Belém com dois cabazes de sêmeas e dos afamados bolos de azeite daquela região. A acompanhar vinham uns cartuxinhos com feijão, açúcar, massa, etc., pequeninas esmoladas de pobres.

Deus lhes retribua cem por um.

x x x

«O Coliseu correu muito bem, graças a Deus, mas a ausência das belenitas foi notada. Ainda bem» — palavras chegadas a Belém em cartão escrito pelo Senhor P.e Carlos.

PÃO DOS POBRES

(II Volume)

Avisam-se os nossos prezados leitores de que ainda podemos satisfazer os Vossos pedidos.

Não se deixe para a última hora.

BARREDO

Ainda, nos restam também alguns exemplares. Quem chegar primeiro é que será servido!

Pedidos à Editorial
Tipografia da Casa do Gaíato
Paço de Sousa

DOCTRINA

Aos que julgavam esta edição esgotada informamos que ainda nos restam alguns exemplares.

Escreva, hoje mesmo, um simples postal e ele lá estará na volta do correio.



Pobres

POBRES — é um nome sagrado. O próprio Senhor o consagrou com a Sua Vida fazendo-se pobre e deixou-o ficar no

Evangelho para que fosse lido e vivido até ao fim dos tempos. É um nome tão simples e ao mesmo tempo tão rico de sentido! Não o troquemos por outros mais complicados, (por exemplo, **economicamente débeis**) embora mais modernos, talvez. Aos Pobres chamemos-lhes sempre Pobres.

Temos diante dos olhos este quadro lindo: uma casa pequenina, airosa, de janelas rasgadas, onde nada falta do que é necessário e onde nada há a mais. Quem mora ali?—Três pobres velhinhas que mãos sacerdotais recolheram para não acabar os seus dias no abandono. É uma casa de família, onde podem cozinhar, comer e dormir; receber o médico; onde não falta a água, nem a luz, nem condições para que a higiene possa ali morar. Tudo pequenino, tudo muito familiar.

Como nasceu?—De um desejo de resolver de maneira o mais humana e cristã possível o problema dos Pobres sem nada e ninguém, na freguesia.

Todos os que lidam com os Pobres conhecem quantas dificuldades eles sentem em sair do seu ambiente; em sair da terra que os viu nascer e crescer, para entrarem em um asilo. Eles que sempre viveram em ambientes pequeninos, onde toda a gente os conhecia e os chamava pelo nome próprio, sentem-se esmagados—quantas vezes!—ao penetrarem na grandeza daqueles edifícios.

Tivemos realmente pena de não ir, mas tais saídas são impossíveis, enquanto não houver duas Senhoras — uma para ficar entregue da casa e outra para acompanhar as que forem.

O ano passado tivemos que fechar a porta e levar o rancho todo. Mas o transporte e cuidado de vinte crianças fora de casa também se torna difícil. Se tivéssemos uma carrinha...

Desta vez houve, porém, motivo de mais peso que me obrigou a desistir da ida. É que eu tinha dito que só iria à festa este ano quem cumprisse satisfatoriamente todos os seus deveres, tanto na Escola como em Casa ou na rua.

Ora, depois de apuradas as contas, ficou bastante reduzido o número das que mereciam ir. E como não tinha quem ficasse aqui com as outras, o remédio foi não ir ninguém.

Vamos a ver como a vida corre, até ao próximo ano e se então será possível uma Festa em Viseu. Para já uma coisa está assente: Organizaremos um grupo coral que estará sempre ensaiado e pronto a entrar em acção.

O que precisávamos era uma carrinha!

Inês—Belém—Viseu

Uma destas velhinhas deixou na sua barraca duas ovelhas que ela estima como membros muito queridos da família. Todos os dias, da porta da sua nova morada, consola-se toda só por poder olhar para o lugar onde as deixou. Assim não lhe custa a separação.

Temos de ter muita caridade e compreensão na lide com os Pobres mesmo que, por vezes, tenhamos de ser duros.

E se cada paróquia pudesse ter a sua Casa dos Pobres, o seu pequenino Calvário para os doentes incuráveis—tudo nascido e crescido à sombra da Igreja paroquial? Que bom seria!

É preciso dinheiro. Mas antes do dinheiro, tem de haver o homem capaz de se dar. "A Obra terá de ser construída primeiro no coração" — era assim que falava um pároco de uma freguesia pobre e sertaneja, ao reparar no número de casas para Pobres já construídas. Deus é o arquitecto, o empreiteiro; o homem é a massa, a pedra, embora tosca, mas que Deus quer utilizar à vontade para construir as suas obras.

Este é o segredo do triunfo das obras de Deus, onde o dinheiro nunca pode ser o alicerce, mas um instrumento de grande valia quando manejado por mãos hábeis, capazes de se manter puras mesmo depois de lhe tocarem.

É o que os nossos olhos vêem neste momento. Uma freguesia pobre, pequena e que teve a graça preciosa de ter à sua frente um pároco — pai e pastor — que deu e continua a dar a vida desde o dia em que lhe foi confiado o rebanho, como testemunho sempre vivo e prolongado do seu Mestre no meio das suas ovelhas. Sempre solícito para que lhes não falte o alimento da alma e também o do corpo às que o não podem procurar.

A Obra nasceu:—Centro de Assistência Paroquial—Escola de Formação Familiar—Calvário para os doentes incuráveis e refúgio dos pobres sem nada e sem ninguém. É uma freguesia pequena e pobre. Como foi possível?—Antes de ser feita de pedra foi construída no seu coração sacerdotal. Regou-a com as suas aflições e, quem sabe, se com as suas lágrimas também. E Deus abençoou-a e fê-la nascer e agora é árvore que lança as suas sombras benfazejas em redor; onde se acolhem a receber alento espiritual e material os que dela precisam. As obras de Deus são assim. E esta é uma obra de Deus.

P. e M. António

Visado pela
Comissão de Censura

Meus bons Amigos, após tanto tempo sem nada dizer, cá estou novamente para vos comunicar alguma coisa de Ordins.

Aos muitos que nos escrevem e aos muitos que nos ajudam, eu peço perdão por este tão prolongado silêncio. Contudo, não os esqueci e espero que também não se tenham esquecido dos Chales de Ordins. E não nos esqueceram. Disso dão testemunho as cartas que chegam até nós com a ajuda duma esmola, duma enco-

CHALES

porque não pensamos em nós, ou pensamos demasiado. 176 camisolas pedidas em Julho de 1961.

Pensem um bocadinho nos «Chales de Ordins» e se há por aí alguém que tenha alguns meios de sobra e que nos queira mandar, que grande jeito faziam no nosso consultório! Há Para Lisboa foram quatro chales, oito camisolas, dois tapetes e algumas pegas. Para Coimbra, dez pegas. Para o Porto, dois tapetes. Para Alijó, um cobertor, um chale, duas camisolas e qua-

DE ORDINS

menda e duma palavra de entusiasmo.

É pena que as encomendas não sejam agora numerosas. Efeitos do calor! Mas o calor não impede a Caridade. O calor do coração sempre encontra maneiras de fazer o bem... Assim, de Lisboa recebemos dois pacotes contendo roupas usadas que foram para alguns um bom foliar da Páscoa. Vieram mais 10\$00 «de alguém que se apresenta amiudadas vezes». Alguém que não quer que sua esquerda saiba o que dá a direita, mandou-nos 50\$ e 20\$. E uma Mãe enviou-nos uma pequena ajuda com a promessa de continuar todos os meses e com votos de que muitos outros façam o mesmo. Esta Mãe atendeu o nosso pedido último e o Senhor há-de dar realidade aos seus votos.

Outra assinante do Gaiato mensalmente nos tem mandado um pequeno conforto para aquele pobre doente de que há meses vos falei e que agora, pela Graça de Deus, já goza de mais saúde.

É a Maria Júlia que nos diz que é «só pelo amor aos nossos irmãos que nós podemos estar na amizade de Deus».

Perante estes e tantos outros exemplos de Caridade e amor fraterno que aqui transcrevo para incitamento e agradecimento, que dizer-vos, senão isto?: que Deus recompense no Céu a quem tanto bem faz na terra.

Só a bondade, o braço direito de Deus, há-de tornar menos penoso o nosso exílio na terra. Só a bondade nos há-de alumiar os caminhos desta vida. É fazendo o bem que nos fazemos bons. Nós por vezes não fazemos o bem

ÁFRICA

continuação da primeira página

É uma hora de aventura, sim, mas aventura marcada de certeza, se nós tivermos a coragem de a vivermos em verdade, dando-nos totalmente, procurando recursos guardados no mais fundo de nós mesmos, dos quais nem nós mesmos suspeitávamos a grandeza.

Cerca de um mês, se Deus quiser, e poisaremos de novo no Aeroporto de Luanda. É uma dúzia de rapazes que já lá estavam. É uma vintena deles que lá estão. São outros, prestes a partir, após a recruta há pouco iniciada. São muitos, bons, provados Amigos. É Angola, prenhe de promessas geradas em dor, que vamos rever, menos emocionados, talvez, mas mais conscientemente apaixonados do que dois anos antes.

verá alguém? É que, se entregamos apenas as receitas aos doentes, será mais um papel nas suas casas.

Quem escuta este pedido?

Já se encontram em Angola as

tro pegas. Foi mais um chale para Niza e outro para o Estoril.

Espero que no próximo número possa a todos os que nos lêem e se interessam por nós dar mais e sempre melhores notícias.

Padre Pires



Auto-Construção

Para quê Auto-Construção? Para quebrar um individualismo que tem tão pouco de cristão como de humano. O homem deve reconhecer-se como membro de uma família. Não foi criado para viver isolado, errante. Nem torres de marfim nem vagabundagem sem família, sem pátria. Auto-Construção demonstrará praticamente que a união faz a força e que quando todos forem por um e um por todos não há dificuldades que se não vençam. A união é frequentíssimas vezes assunto de discursos, de brindes, de sermões, de artigos de jornais, de apelos patrióticos, religiosos e baírristas. A união é uma aspiração dos homens responsáveis e dos povos. Mas o homem tem a sua superpersonalidade, os grupos têm os seus pontos de vista muito restritos e os povos olham para os outros não como irmãos, mas quase sempre como barreiras. Tem de haver no indivíduo uma mentalidade firmada em provas evidentes, em realizações práticas, em exemplos claros como a luz do meio dia. Também para restituir a alegria ao trabalho. O homem que nasceu para trabalhar, que precisa de trabalhar, que só se realiza no trabalho e pelo trabalho, deixou de olhar esse trabalho como meio de aperfeiçoamento e regeneração, para olhar apenas como castigo e prova de inferioridade no campo social. Alguns trabalhos na província são considerados próprios das pessoas menos dotadas, menos empreendedoras. Todos os que podem safam-se, para os empregos, para os serviços. Como todos estes têm férias e como há facilidades de transportes, basta um mês passado nas suas terras para levarem muitos trabalhadores a sentirem incontida revolta pela

sua situação. Auto-Construção preverá um pouco mais os trabalhadores ao seu meio. Como é o grupo que trabalha, haverá um ambiente mais alegre, menos pesado. Acontecerá assim em toda a parte onde se constituírem equipas de Auto-Construtores. O trabalho feito com alegria será muito menos fatigante. E ainda também para valorizar profissionalmente o trabalhador. Ele, enquanto dura o período da construção das casas não sabe se trabalha na sua própria ou se trabalha na casa dos outros. A não ser que o próprio tenha dado o terreno, as casas serão sorteadas quando todas as do grupo estiverem concluídas. Trabalharão certamente com mais cuidado, pois, na prática, estão sempre a trabalhar para si mesmos. Há ainda um outro aspecto a considerar. Acompanharão a construção das casas em todos os pormenores e assim ganharão luzes de construção em geral. Assim se valorizam profissionalmente muitos dos nossos trabalhadores.

(Toda a correspondência para Auto-Construção — Aguiar da Beira).

Padre Fonseca

PEDIDO

Um nosso Amigo colecionador do Famoso, precisa dos seguintes números, completamente esgotados: 1, 9, 10, 24, 26, 39, 44, 46, 57, 63, 72, 73, 74, 78, 80, 83, 84, 85, 86, e 87. Quem lhe acode?



PELAS CASAS DO GAIATO

TOTAL

ELEIÇÕES — A necessidade obrigou-nos a fazer as eleições fora de tempo. Nem tudo são rosas numa casa de 110 rapazes que vieram na maioria da Capital, alicerçados nos vícios mais graves e vergonhosos que infestam uma cidade tão bonita e ao mesmo tempo tão pobre. Ora a nossa Casa de Lisboa sofre imenso (aliás é para isso que existimos) para lutar pelo aperfeiçoamento de cada rapaz. É uma missão difícil e alguns nem se conseguem. E a confiança que de alguns se espera tem por vezes de se retirar. Foi o que aconteceu. Uma derrota? Não. Foi uma experiência que se tentou. Ficou triste o Sr. Padre José Maria, mas a sua consciência está tranquila porque deu ao rapaz a oportunidade. Este não quis, porque a irresponsabilidade é uma coisa mais cómoda. E fizeram-se eleições. Houve dificuldade. Esta Casa é mesmo muito

difícil. Os nossos rapazes ainda não têm a noção exacta da posição do irmão mais velho, vulgo chefe maior. Ainda não existe a necessária compreensão para que o chefe maior possa levar a bom termo a pesadíssima cruz que lhe é posta aos ombros por via da sua melhor capacidade para ocupar o lugar. Foi difícil, mas por fim tivemos o Rafael, o Rogério e o Redondo para candidatos. No fim apuramos o resultado seguinte: Rafael, 25 votos; Rogério, 10 e Redondo, 5. Assim a nossa Casa será governada por três RRR.

Que Deus ilumine os seus espíritos para que o seu governo dê os frutos de que a comunidade tanto precisa.

Cândido Pereira

PAÇO DE SOUSA

COMPASSO. Pela manhã repicam

os sinos. As gentes assieiam as casas. As flores andam de mão em mão. No ar anda um cheiro perfumado. A nossa aldeia, que regorgita de pequeninos que dantes andavam perdidos, de pequeninos Templos, é tomada de uma alegria indizível. As campainhas sobem avenida acima com seus repiques festivos. Cada um vai para suas casas, com os chefes à cabeça. Todas muito limpas e airoosas para receber a visita do Vencedor da Morte. Parece até que nos dá gosto de viver, porque a atmosfera que se respira dá saúde e até o nosso pobre corpo pejado de cicatrizes sente renascer em si a doce aurora da Manhã Pascal. Este dia é da Família. A nossa é a melhor Família. Nosso coração, muito baixinho chora a infelicidade de nossos pais e canta a felicidade de encontrar uma Casa!

CARPINTEIROS. São os da carpintaria. São eles os carpinteiros. Uma das secções mais bem montada do nosso sector oficinas. Aqui se criam operários e se aprende a amar o trabalho e a aprender que sem ele não somos nada. O trabalho regenera, edifica, lima as arestas mas que trazemos da rua, pois parte de nós somos filhos de ninguém. Fomos lançados à terra e logo nos deram a maior idade aqueles que são carne da nossa carne. Nos tribunais, nas grandes organizações comerciais e industriais andam os nossos pais.

Todavia, nas burocracias que enunciam a nossa identidade está filhos de pai incógnito... Mas tivemos a sorte de um Vento que soprou forte e nos trouxe a este Santuário de Almas, onde aprendemos a sofrer e que no saber reagir ao infortúnio está a salvação.

A carpintaria é das oficinas onde se trabalha com alegria. Tanto pode valer um bom carpinteiro, como um médico. Cada qual pode ser doutor na sua ocupação!

Aqui em casa, como quem brinca, se têm feito grandes coisas. Assim, aos carpinteiros chamamos os bichos da madeira... Eles não afinam, porque é pior. A desajustação, neste caso, vai no afinar...

O dia do seu santo é em 19 de Março. Enfeitaram a oficina. Arranjaram o altar de S. José, puseram tudo em ordem e toca a pedir o dia santo. Como ele não veio, cobriram-no com um pano preto...

— Porque fizeram isto?
— É para não ganhar pó...
— E então parece-lhes bem?
— Também não está muito mal, pois não bem não nos ligou nenhuma...
— Ele também é vosso amigo...
— ...Pois sim, mas hoje não valeu nada izar a bandeira...

DESPORTO. O nosso Grupo Desportivo está em grande forma. A atestá-lo estão as taças que ainda outro dia ganhámos. Os convites que temos para deslocações e ainda vamos entrar no Torneio Popular de futebol, organizado pelo Penafiel.

No próximo dia 29 vem cá jogar um misto do Futebol Clube do Porto e vamos a ver como nos vamos portar. São duas categorias, por isso é de prever um bom prélio e muito desportivismo de mistura. O Gaiato não é para meias medidas e quem quiser vir experimentar forças que se vá preparando e... apareça...

daniel

CONFERÊNCIA DA NOSSA ALDEIA

O QUE RECEBEMOS — Esta coluna tem sido vítima da falta de espaço. Porém, hoje, cá está — mesmo à rasquinha, é certo. No entanto, quisermos dar boas novas dos Pobres. Há tanto tempo, já, que não falamos deles! Mas... o envelope dos donativos rompeu — de tantos que se acumularam no caminho, sem acusarmos recepção. E vamos lá resumir a coisa, por môr de não nos sujeitarmos à tesoura dos senhores pagadores do Famoso.

Abre a conhecidíssima assinante 17022, com o costume. Mais 110\$ de A. Guimarães para a «pobre velhinha com numerosos netos». E Maceira-Lis, com 80\$00. Euclídia, de Barcelos, com 20\$00. Mais 50\$00 de Lisboa e o mesmo de Ana Rezende e ainda o mesmo de Aveiro. Mais 100\$00 de M. Rebelo.

Mais 20\$00 de uma Funcionária dos C. T. T. de Lourenço Marques. Mais uma presença da assinante 17022! E temos agora o Bêbé n.º 3, levando nas mãos 40\$00, cotas de Janeiro a Abril. Estas presenças certinhas são um consolo! Venham mais e mais delas! E eis outra vez a assinante 17022!! São mais 40\$00. Quarenta que não faltam, faça chuva faça vento — graças à boa vontade dessa Senhora tão nossa amiga. Lisboa marca mais um passo, com 100\$00, pela mão duma leitora da Av. 5 de Outubro. Segue o Porto com metade, do assinante 3459. E dos primeiros! É velho amigo, concerteza. E mais Porto com os «20\$00... do costume», de A.F. — que também não falta! Outra vez Lisboa, agora com 20\$00 e pedindo licença para beijar os meus filhos. Ó ternura! Já satisfiz o seu desejo — pois «quem meus filhos...», não é verdade? Eles são todos uma categoria! Seguem mais 100\$00, de algures. E mais 60\$00 do assinante 18223, relativos ao 1.º semestre do ano corrente. Venham mais subscritores deste género! Aveiro está animadíssima. Ei-la com

mais 50\$00 da assinante 9930. Atenção, Carrizado de Montenegro! Sim senhor, temos recebido tudo. Esteja descansado ou descansada. E muito obrigado. Mais 40\$00 do assinante 16277. E mais 5\$00 de uma senhora francesa. E mais 20\$00, também de Lisboa, da assinante 5687 porque, «segundo leio no Famoso andam um bocado atrapalhados». Um bocadão! Mas ainda não fecharam o crédito e os Pobres continuam a receber, como sempre — graças a Deus. Outra vez de A. F., do Porto, «20\$00 para a Conferência, como habitualmente». Frizamos a nota pra ver se caçamos mais habitués. Lisboa marca em cheio! — mais 10\$00 do assinante 15710. E o Porto não quer ficar atrás e comparece com 20\$00, pela mão de uma Senhora da Rua do Molhe, frizando: «É muito pouco, mas de muito boa vontade». Isto é que vale. Porque o dinheiro é papel. Finalmente, 40\$00 do Centro de Educação e Recreio de Vagos. O Famoso é lido por lá. Se não, quem lembraria os nossos Pobres?

Júlio Mendes

CAMPANHA DE ASSINATURAS

A VOZ DOS LEITORES — Eis uma presença do Algarve — terra das amendoeiras. É uma carta formosa e emocionante, de Algezur. Ora leiam:

Já muitas vezes tive vontade de lhe escrever, para lhe dizer que a Obra do Pai Américo, que os senhores não deixam esmorecer, e que tem cada vez mais adeptos, é o que mais me tem auxiliado nos meus momentos de desânimo, de secura interior, quase de falta de confiança nos outros. Mas lembrome da «Obra da Rua» e mesmo sem querer tenho de seguir com confiança, embora por vezes as lágrimas me escorram pela cara abaixo. E faço propaganda da vossa obra, e procuro torná-la conhecida onde quer que estou, e angariar assinantes para o «Gaiato» que devia ser conhecido e amado por todos, e assim o mundo seria melhor.

Estudante até há pouco em Coimbra, vim para aqui, trabalhar. A diferença de meio é enorme, o Algarve está a pedir a vossa Obra: o desinteresse por coisas espirituais é notório, e vós podiéis fazer muito pelo Algarve. Assino o «Gaiato», e o meu «querido jornal» anda de mão em mão — os meus funcionários já se estão a habituar a lê-lo, pois logo que o recebo levo-o para a repartição, e empresto-lho.

Arranjei um assinante, e espero arranjar mais, logo que possível. Mando juntamente 20\$00 e peço desculpa de não mandar mais, mas tentarei fazê-lo todos os meses daqui para o futuro, pouco que seja, é uma migalhinha para a «nossa» Obra. Perdoe-me o possessivo, mas realmente sinto-a «nossa». Deus me ajude, para que nunca pense doutra maneira, e consiga ser séria na minha profissão, pondo os outros acima de tudo, toda a vida. Obrigada pelo bem que o «Gaiato» me tem feito.

Ó carta!

x x x

DO MINHO AO ALGARVE — O testemunho que vai no topo é nova amostra do fogo que devora tantos e tantos corações. Sim; com devotos tão fíeis e combativos a revolução pacífica que o Famoso

vem operando, quase há duas décadas continuará sua marcha, cumprindo a Mensagem activa legada por Jesus há 2.000 anos.

Vamos descobrir a precissão. Na dianteira, surge V. N. de Fimalicão e Amadora. Mais atrás um nadita é Braga, pela mão da Senhora do Mel, que lamenta enviar apenas um assinante, embora o meu desejo fosse conseguir muitos. Pois que a cidade de Braga escute o seu apelo, o seu desejo! Um salto à Beira Baixa e temos um cacho de professoras de Mação, sequiosas pelo «Gaiato». E, ainda, mais Coimbra e Valongo, S. Pedro do Sul, Gaia e, finalmente, Odivelas.

x x x

ULTRAMAR — Para começar, temos Angola. E, na primeira linha, a cidade de Carmona. É um alferes que pede o Famoso para, nas horas vagas, armazenar Fé e Amor — indispensáveis à Cruzada de pacificação e cristianização daquela zona martir. Deixemos o Congo, rumo a Vila Luso, que ainda não arrefeceu, desde que por lá passámos, há dois anos! Na Gabela, o mesmo! E Angola fecha com a presença de Vila Paiva Couceiro.

Em Moçambique, o entusiasmo é verdadeiramente consolador. E Lourenço Marques um mar inesgotável de novos leitores! Tanto que os seus devotos não páram um só instante. Ora vejamos: «É pena que nem toda a gente conheça o «Gaiato», mas eu tenho feito o que posso para o divulgar. Se cada assinante arranjasse outro seria maravilhoso!» Mas... aí fica a ideia, a voz entusiástica de Lourenço Marques! Segue Manjacaze, Vila Coutinho, Murripa (Malema), Tete e Beira. Mais Nampula, com 3 novos leitores. Ali, o ambiente do Famoso também escaalda. Nampula é uma categoria! Por fim, com licença dos senhores africanistas, acusamos recepção duma presença da Ilha da Madeira que pede para se enviar «O Gaiato» o mais rápido possível. Já seguiu, pra mor de não se apagar a fogueira!

Júlio Mendes

TRIBUNA de Coimbra

Desde o principio do ano que não damos contas do que nos tem chegado para matar a fome, vestir e o mais que é necessário à vida de cem filhos de Deus, em idade de grande crescimento.

Tudo o que recebemos traz unção de sagrado, quer no sacrificio de quem se abre, quer nas palavras de intenção que acompanham, quer no fim dos oferentes. Tudo cheira a grandeza e amor, embora pareçam migalhas.

Vinte da Amadora de promessa ao C.J.; 70 em carta de Coimbra; um fato e roupas da Covilhã. Se os nossos Amigos da Covilhã (e são tantos e tão bons) adivinhassem o bem que nos poderiam fazer com os retalhos da sua indústria! Gahemos sempre quando nos dizem em casa que as calças (e casacos) estão todas coçadinhas. De há muitos anos era certa uma peça de fazenda pelo Natal, mas faleceu o casal oferente, embora a fábrica continue. Atenção, pois, Senhores covilhanenses!

Cem de Senhora Notária do Algarve; 50 dum voto na Lousã; roupas no Castelo; cem do Conselho das Conferências de Coimbra; 120 do Porto; 150 na minha terra; sempre muitos minos de minha Mãe; mais embrulhos no Castelo. Tantas vezes ali vamos à procura das vossas lembranças e trazemos a resposta triste dos empregados tão amigos: hoje não tem sorte; não está cá nadinha.

Dois embrulhos de Montemor-o-Velho; 150 de Senhora da Beira; 400 da assinante 29395 da Covilhã; 50+50 das



Caldas. Há tantos anos que temos periodicamente esta visita! 500 em Elvas; mil de promessa em Coimbra; cem do pai choroso para as "Belenitas"; três prestações de 50 para "Calvário" e mais 25; cem dum sacerdote na rua; 20 e varios sacos de pão ao vendedor de Tomar. Como nos não há-de amar quem reparte tantas vezes do seu pão conosco!

Cem do Sr. Doutor de Coimbra ao seu vendedor; vinte de visitantes; muitos medicamentos e 50 de Monte Real; 500, mais cem, mais 500, mais quarenta, mais cem de Amigos de Miranda; 20 da Amadora; 25 em selos de Lisboa; 400 das Amiguinhas de Coimbra; duzentos da Sr.a de Coimbra que há muito não esquece as grandes datas; 500 da Auto-Industrial. Uma carrada de mobilia de alguém que desfez a casa em Coimbra e cinquenta para o transporte. Tão cheios de simpatia aqueles três irmãos universitários, naturais de Angola! Cinquenta na visita a um doente que sempre que nos encontrávamos tinha à mão a mesma lembrança; mercearia da Aliança; os alunos de uma turma do Liceu D. João III tiveram a ideia de oferecer uma rica camisa para o casamento de um dos gaiatos. Que gesto tão cheio de nobreza na sua idade! Duzentos em Vale de Almodôvar; as roupas de Amigo de Coimbra falecido em desastre. Que o Senhor o tenha encontrado preparado e atenda a nossa oração.

P. S. — No próximo dia 27 começarão os nossos peditórios nas igrejas de Coimbra. Este ano vai ao Altar o nosso "Calvário" na boca de Padre Baptista. As tuas ofertas para ele hão-de também ser de sangue.

P.º Horácio